Ressureição..... 70
A tristeza da tarde..... 71
Cimituí..... 72
Flor do amor..... 73
O vulto..... 74
Onde moram os estímulos..... 75
Noite..... 76
Via..... 77
O laço..... 78
O encontro..... 79
Epitáfio..... 80
Macho..... 81
Desnudo..... 82
Odre Rompido..... 83
A flor banca esmagada..... 84
Acaraú..... 85
Obras do Autor..... 86

Visões Célticas

Plauto Araújo

SUMÁRIO

Prefacio..... 07
Legado..... 08
Invocações..... 09
Preposição..... 10
Soa Arte..... 11
Linguagem escrita 12
Fuga..... 13
Definido a Vida..... 14
Razões escuras..... 15
Asas do pensamento..... 16
Mar agitado..... 17
Galope Branco..... 18
O Rei..... 19
Vem pelo espaço..... 20
O sol de minha vida..... 21
Quando Brota..... 22
Vozeia dos prados..... 23
Instituto Imaculada Conceição..... 24
Fumaças da vida..... 25
Demônio..... 26
Manipulados..... 27
Meu Tio..... 28
O Gavião..... 29
Pasmo..... 30
Lamento da natureza..... 31
Ilusório olhar..... 32
Bodas Eternas..... 33
Banguelo..... 34
Saci..... 35
S.O.S Flora..... 36
Canto da Piririguá..... 37
Oscilações..... 38
Sereia..... 39
A carnaubeira..... 40
Cobiças..... 41
Curral..... 42
Poema profético..... 43
Elo perdido..... 44
Razões humanas..... 45
Recados do Tempo..... 46
Vive ou deseja..... 47
B.souro, K.lado... Nicodemos Araújo..... 48
O Professor de Araticuns..... 49
Virgem do Deserto..... 50
Eluza Carneiro..... 51
Big Ben..... 52
Aula da saudade..... 53
O Circo..... 54
Rebeca..... 55
Além do escuro..... 56
Incêndio do entardecer..... 57
Teias para mosca Leis para cidadãos..... 58
Eu, um texto vivo..... 59
Sinai..... 60
Mensagem do campo..... 61
O Macho..... 62
O Estuprador..... 63
Queixas tolas..... 64
O sol da vida..... 65
Cães e Abutres..... 66
Memória indígena..... 67
O homem de Laodicéia..... 68
Que sou?..... 69

Biografia



Araújo, José Plauto nasceu no Ceará, Brasil em 1958, de um casal nobre. Viajou por vários estados brasileiros, onde fez vários cursos e exerce várias profissões: é pedagogo, coordenador da vigilância sanitária, fiscal ambiental, faz parte do CONDEMA, especialista em admirar a beleza natural feminina, poeta, escritor, professa a fé protestante, exerce o digno cargo de diácono, além de professor é um forte pregador, muito versado nos textos sagrados, amante alucinado da música psicodélica tem um respeito profundo pelas pessoas, contudo gosta de apreciar o lado animal de cada um, enquanto saboreia toda beleza que lhe rodeia, isto é o que lhe faz um ente sempre alegre e satisfeito.

Começou sua vida literária ainda adolescente numa vida nômade e inconstante, partindo para o Rio de Janeiro para trabalhar em redes hoteleiras, onde conheceu muitos artistas famosos, entre eles Frank Sinatra, George Watter, etc. Mesmo que iniciara sua vida literária muito cedo, só no ano 2000 é que publicou algumas de suas obras, entre elas: Vozes Mélicas, Luta Interior e O Caminho do Peregrinar.

De sua lavra literária podemos citar 05 livros poéticos, 02 históricos, 01 romance e 03 doutrinários. Em sua trajetória literária foi obrigado por motivos de perseguições, a queimar muitas de suas poesias. O que lamenta pela irreparável perda.

A base de toda prosa e versos de Plauto Araújo apóia-se no profundo sentimento que tem pelos mistérios da vida. Cuja lógica ultrapassa a, da consciência habitual, desvendando o duplo de cada homem, na impressão do realismo dentro do irreal. Os cenários são repletos de pavor da morte. Onde mergulha no lado desconhecido das ansiedades da alma, o que faz de Plauto Araújo, um alucinado pelos mistérios da Imaginação Humana.

Frank Dalton.

Copyright © 2007 by Plauto Araújo

Araújo, José Plauto.

Visões Célticas/ Plauto Araújo

Editora Visões do Ulai. 2007

I. Poesia

José Plauto Araújo
Rua Padre Odécio, 475.
Bela Cruz – Ceará
Cep: 62570-000

E-mail: plauto_0406@hotmail.com

DEDICATÓRIA

A meus:

Queridos irmãos e amigos que me apoiaram na publicação deste trabalho.

Á memória do amigo literato Nicodemos Araújo que muito me incentivou nesta carreira.

Sobretudo a Jesus Cristo, meu fiel companheiro, que chora em mim quando ando longe de suas orientações.

PLAUTO ARAÚJO

PROPOSIÇÃO

Quando me propus escrever Visões Célticas eu busquei trazer à tona as fantasias do delírio humano.

Também quis mostrar que na mente existe uma fonte inesgotável de imaginações.

Eu creio que o homem precisa se encontrar e monologar. Tentar se conhecer e assim descobrir o que se esconde dentro de si.

O AUTOR

PREFÁCIO

Dentro da visão psicognóstica de todos os seres humanos, existe um mundo imensurável a ser descoberto, como um navegante em mares desconhecidos.

Nosso escritor focaliza em muito dos seus textos esta realidade, e nos transporta pela imaginação ao mundo abstrato dos sonhos e visões fictícias.

Nas aventuras psicodélicas, se é que posso assim afirmar, Plauto Araújo nos leva à fertilidade de sua mente criadora e nos faz ver que existe um mundo perdido dentro de cada um de nós, e que precisamos deixar fluir estas “viagens” e assim podermos descobrir estas “terras” desconhecidas e desfrutarmos estas aventuras transcendentais.

O que mais fascina em Visões Célticas é o estilo de linguagem, que é acessiva a todos os leitores, em qualquer uma de suas fases da vida.

Você tem em mãos um ótimo passaporte que, pela sua leitura, viajarás a muitos locais jamais explorados pelo andar humano. Então, desbrave lendo esta excelente obra. Boa viagem.

FRANK DALTON

LEGADO

Folga insípido peito, que lateja em mim.
Cria tuas loucuras abstratas.
Dá vazão a estes fluxos pensamentos.
Que te importa o juízo de fora.
Salva tua alma agora.
E vive teu sonho demente.
Longe desta ferina gente.

INVOCAÇÕES

Em minhas visões contemplei o Homem.
Os ventos que contendiam no mar.
Medo e pavor me assaltaram.
Diante do quadro celeste, que fluía.
Viu meus olhos o futuro...
Estremeceu minh’alma da visão.
Visões que fraquejaram meu corpo.
Vi que descia dos céus o ancião de dias.
Dirigindo-se ao trono...
O lugar flamejava glória.
Milhares de milhares estavam ao redor.
Vi um de prontidão sobre as águas.
Cheguei e implorei que me explicasse.
Por que do meio das águas subiam animais.
E por que pelejavam entre si?
Caí de joelhos diante da paisagem.
Desmoronou-me toda estrutura e emudeci.
Minhas visões me tiraram todo vigor.
Ordem eu recebi de não publicar o que vi.
Que descansasse até o fim dos dias.
Mas eu guardei a visão.
Visão que tive.
Às margens do Ulai.

09

DEFININDO A VIDA

Rumo ao ocaso...
Minha rude existência
Combinações invisíveis dos sistemas.
Meu pulsar secreto,
Insondável...
Misterioso fato inexplicável,
Que move, nas sensações dos seres.
Esta coisa abstrata
Que me faz mortal.
Meu sol...
Percorrendo no tempo
Que me envelhece a capa.
Escorre-me por entre os dedos,
Sem que eu possa reter.
Mesmo assim amo-a,
Sem poder conter na minha carne.
Tu és minha razão de ser,
Minha fugitiva invisível,
Que não me deixa ver-te
Nem te seguir para aonde vais.
Que num instante some.
Estando em mim, tu és o meu ser.
Mesmo assim, tu és minha paixão;
A mais desejada de todos mortais.
Tu és Vida...
Minha vida.

AO PROF. RAIMUNDO

14

SOU A ARTE

Originais,
São traços das mãos divinas
Onde não há réplicas,
De traços ou moldes
Imensuráveis, tuas criatividades.
Oh, excelso Pai!
Insondáveis são teus caminhos.
Não há quem possa frustrar teus planos
De um só homem, fizeste todas as nações;
Mesmo assim há diversidade de faces
Todas com novos traços,
De tuas infinitas criações
Tu, somente tu és Deus.
E só tu tens a verdade
Sou tua arte, bela e perfeita...
Fizeste-me um corpo onde atuo
Mesmo que puseste barreira
Em minha existência animal
Promesteste-me, novo tabernáculo.
Para que tua arte seja eterna
Quão grande és Tu, fizeste grandes maravilhas;
Que provam teus cuidados por mim
Sou homem, teu retrato, imagem perfeita;
Glória de tua criação
Escolhido também para ser teu herdeiro eterno
Da vida que preparaste para mim;
Por isso Senhor, fico assombrado...
Quando peco contra Ti
Mas não desanimo, pois conheço teu perdão!
E, maravilhado confesso,
Que amor grandíssimo tem por tua obra
Tua arte perfeita, que sou eu.

LINGUAGEM ESCRITA

Vejo-as agitadas,
Caladas... Sisudas.
Linguagem da imagem.
Soltas, tangidas ao léu;
Rabiscos...
Dispersas fagulhas no céu.
Quando não há sons,
Os sinais dizem no silêncio
A mensagem.
São retratos da fala.
Riscos da voz
Interagindo através das letras.
És tu,
Meu depoimento mudo
Minha linguagem,
Apenas copiada.

FUGA

Por entre poeiras, no meio da tempestade.
Um vulto agasalhado caminha com dificuldade.
Parece-me peludo,
Seu vestido grosso e largo
Andando como perdido
Em busca de refúgio
Um ser, palmilhante e inquieto;
Que sempre olha para trás
Como se algo o perseguisse
Em seu incerto caminho
Sua peleja cruenta e cega
Assim ruma, o nômade vulto...
Sempre para frente, sem descansar;
Por entre a nuvem que zumbe
O tempo caminha a seu alcance
E tal desespero o acomete
Que seu bufar, deixa atrás de si,
Uma nuvem de fumaça
Vai sobre as dunas da vida
Movendo-se sobre os montes nômades
De nossas ocupações contínuas
Nosso inquieto viver, sem rumo...
Como uma fugitiva sombra
Que passa,
Sem deixar marcas.

GALOPE BRANCO

Na porta da lua, tomei emprestado.
O cavalo de São Jorge
E galopei por estradas prateadas
Estradas largas, que não vi o fim.
E nesta áurea luz, escalei teus montes.
Bicudos e macios, sobre o cavalo branco.
Flutuantes, sobre as penhas ouriçadas.
Sob a luz fria, percorri noite adentro.
Para os montes lascados, de brancos quadris.
Sobre a penugem de tuas partes virginais.
Vargem vulgar, curvas escarlatas.
Córrego do rio, margens incitadas.
Orvalho do prazer, lábios umedecidos.
Neste galope, no teu dorso branco.
Macio e embebido de tua fonte
Mergulhei meu cavalo, suado do galope.
Embrenhei-me no capinzal molhado
Do sereno núpcio e afundei
Junto com meu garanhão,
Lua adentra na escuridão
E nessa viagem delirante
Perdi-me nas partes nuas
Da lua, minha amante.

RAZÕES ESCURAS

Quando as luzes do meu tabernáculo
Diminuíram dentro de mim
Meu ser escureceu tedioso
Senti a tristeza ocupar meu íntimo
Mergulhei em busca de resgatar-me
E entre as névoas paredes da alma
Ouvi meu gemido abafado, do peito...
Não conheci as razões escuras
Mas, abateu-me o negro sentimento.
Uma partida de algo desejado
Num instante, foi-se o riso;
Apagou-se meu brilho
E estremeceu o ente
Que mora em mim
Então, se deixou levar no vento...
O ânimo, pelo escuro corredor.
E fui arrastado por minha dor...
Mas vi no fim deste percurso
Um rio claro, reluzente...
Que marcava
Um novo viver.

ASAS DO PENSAMENTO

Naquele dia quando acordei doído e perdido
Parecia que algo em mim tinha morrido
Dentro de mim, vinha fluindo a tristeza.
Com um cheiro acre de podre agonia
Olhei o céu, carregado de trapos de nuvens.
Pasmas, a me contemplarem com seus olhos.
Fumaçantes e agressivos de morte
Velhas guardiãs das alturas
Rudes sentinelas que espreitam.
Meus acanhados movimentos
Empoeiradas criaturas, sisudas...
Que mantinham posições de atalaias abstratas
Sinto seres tenebrosos que rondam
Enquanto sou transportado por pensamentos
Sou assombrado por nuvens embaçadas de solidão.
Ouço o pavoroso grito do anjo da morte
Grito de guerra no infinito
Dos agressores, que faz tremer os mortais.
Ainda estou zonzo e mal dormido
Com o espírito suspenso pelos vendavais
Que a imaginação me arrasta
Sacudindo-me nas ondas procelosas da vida.
Entre sonhos e pensamentos, nada apalpo.
Tudo se mostra superficial, nada é definido.
O futuro escuro que se enxerga através
De espessas cortinas do tempo
É incerto, é místico e todo incolor.
Mesmo assim não posso cortar tais asas
Asas que me levam pela amplidão
Da mente turvada e impegável
São asas apenas, asas do pensamento.

MAR AGITADO

Entre raios, nuvens e vendavais.
Navega o homem, de olhos fixos.
Rumo ao infinito lugar
Na peleja da vida, do vencer.
Nas procelosas ondas da vida
Ergue as mãos ao perigo
No meio da aflita peleja
O furacão com impetuosa força
Sacode o barco da sobrevivência
Entre os clamores dos homens
Um sublime ser se ergue na escuridão
Nas horas tediosas do palmilhar sem rumo.
O mar cruel e impetuoso.
Ameaça engolir pobres navegantes.
Em grande desespero, clamam ao Altíssimo.
No agonizante estado de pavor.
No sacudir das ondas.
No zumbido do forte vendaval.
Uma voz corta o silêncio.
E brada com autoridade ao mar.
E diz: “Aquieta-te, mar”.
Enquanto ao vento agitado,
Repreendeu sua fúria.
Estava eu assombrado com tal visão.
E fiquei mudo diante daquele homem.
Que falava, e a própria natureza o temia.
E vi que a bonança reinava.
E gelei ainda mais de temor.
Do quadro que contemplava.

QUANDO BROTA

O que soluça o meu coração?
Por que ouço em segredo seus murmúrios?
Oh vejo asas em meu coração.
O anjo cupido está perto
Agora vejo que soluça no vazio do tempo.
E voa nas imagens de meu pensamento
Um mundo libertado das agruras da solidão.
Meu coração me diz seus íntimos sentimentos
Que a vida esconde no peito dos viventes
Um fogo que arde, num desejo latente
Que abafado contém-se na timidez
A causa é justa, não é insípida.
Provocada nesta fase verdejante da vida.
Mesmo que não seja correspondida ou vista
Mesmo assim, ela solta seus longos gemidos.
Mas, por que soluça em meu peito esta semente?
Ah, meus pensamentos, meus sentimentos,
Que te importas saber o infinito
Se não dás vazão a este grito
Que quer explodir no tempo?
Grita, grita meu sentimento.
Não te cales, nem por um momento.
Diga tudo agora
Pois o peito implora
Por que esconder
Se for chegada a hora?
Brota, mas o que brota?
Oh! É ele, o amor.

O REI

Observei-o por trás de obstáculos
Seu olhar mirante e sério;
Tão resistível que não pude encará-lo...
Este duro e penetrante ser
Que insistia em ver-me.
Mesmo que me fazia chorar
Com seu forte olhar
Mesmo assim, se mantinha lá.
Queimando-me as pupilas
Com este seu olhar
Que haja folhas, formas.
Contudo, não se dobras...
Sob seu olhar me acho
Quando cruza o espaço celeste.
Mesmo que me irrite
E quando lhe olhei
Feriu-me.
Não fico alegre,
Quando se escondes.
Quando findas seu trajeto
E se metes,
Não sei onde.
Procuro no escuro o afeto
Na noite, quando desaparece;
Fico a tua espera,
Quando amanhece.

VEM PELO ESPAÇO

Veja aquele vale
Ele é sombrio e mudo
Nele anda um nômade
Sisudo, mas não causa terror.
Quando suave caminha,
Sopra entre as copas,
Suaviza o ambiente,
Entrando em nossas portas,
Em busca dos animais, plantas...
Ou bichos humanos.
Sobe pelas alturas de nossos muros,
Invadindo nossas privacidades.
Vasculha a tudo e escorre pelas frestas.
Ele mora no vale dos quatros cantos do céu,
Vestindo a terra, como um véu.
Tal nômade move-se no escuro,
De nossas vidas.
Tange a todos.
Sobre as águas, mostra seus passos.
Até nas nuvens, notamos suas mãos.
È claro e transparente... Invisível.
Gela-me o pêlo, me arrepia.
Este vale está cheio dele.
É imenso e por todos os lados me cerca.
Enche-me, e sem eu vê-lo.
Vaza.
Mas me sustenta.

O SOL DE MINHA VIDA

Vejo um sol
Que surge em minha vida.
Que traz consigo,
O pulsar da alegria
Erguendo-se no céu,
Deste mundo cruel.
São nove horas.
Minha adolescência,
Que se mistura aos cânticos
Dos pássaros...
E aos aplausos das árvores.
Enquanto deslizo,
Nos ventos das fantasias,
Despertam-me ao meio-dia,
As realidades desta vida.
Quando vejo este mundo mais claro,
Minha meia idade
Onde a razão prevalece,
Não aceitando
Fantasiar-me como infantil.
Aí vejo minha vida,
Declinar como este sol.
Que já inicia esse ocaso.
Com minha vida,
Que luta
Criando novos ideais,
Que me sirva de âncora.
Enquanto sumo
No entardecer
Com este sol.

DEMÔNIO

Estou velho...
Vencida está minha força.
O tempo do prazer acabou.
Não posso mais sonhar.
Toda minha vida foi nas ânsias.
Gastei minha vida esperando.
O que falta ainda me acontecer?
Nada, nada pude fazer.
Estava preso ao meirinho.
Clamei ao céu, e este calou.
Ainda espero um libertador,
Que me acuda e venha
Contra meus atormentadores.
Sinto o ar infernal.
Um ser invisível me insulta,
Provocando-me com açoites cruéis.
Não posso lutar.
O bicho é covarde.
Nunca se apresenta, é invisível.
Mesmo assim, o sinto.
E, rodeia-me, esbofeteia-me a alma.
Estou aflito.
A inquietude me tem
E golpeio o ar.
Tremo nas bases,
E grito ao Ancião:
Acode-me, El Shadai.

VOZEIA NOS PRADOS

Ecoa um grito pavoroso
Da alma humana na solidão.
Medo do inevitável porvir.
Que vem para despir os hereges
Vi minhas vestes sagradas,
Manchadas por meus deleites.
Carnívoro abutre mora em mim.
Tentei me refazer,
Mas não tive força de contê-lo;
O latente impulso
Que me incendiava a carne.
Assim, assisti calado a minha degeneração.
Afundei no tenebroso poço
E quando pensei que estava perdido,
Uma voz me sussurrou pelo vento,
Que me despertasse.
E ouvi bater as asas do guardião,
Um ser luminoso me fitava,
E vi suas lágrimas
Pelos perdidos e por mim
Que vacilava.
Senti meu triste quadro e clamei
E fui ouvido desde o infinito lugar.
E ungiste-me com gozo,
E fui levantado do chão.
E percebi que estava,
Às margens do Ulai
Diante de um homem.
E entendi que era,
O Homem do Universo.

INSTITUTO IMACULADA CONCEIÇÃO

Fonte de luz que brilha.
Banindo a ignorância de um vale.
Assim tu erguido foste,
Em minha ribeira.
Oh, portentoso Instituto.
Quem não provou de tua luz?
Quem dos arredores
Não estudou em Bela Cruz?
Em tuas glórias primeiras,
Como diretora, a irmã Brasileira;
E a amável equipe que lhe apoiava:
Tereza Góes, Tonete, Luísa e Gelina.
Eu mesmo provei do francês de Tereza
E cantei “merci” para o Padre Odécio
Construtor deste majestoso prédio
Recordo das noites artísticas com o rei do baião
Da farda, o exame. Do ser, a postura.
No meio das notas, a polidez dos alunos.
De tuas colméias cheias de internas
E das apresentações artísticas de teus alunos.
Na verdade eu tenho razões de te exaltar
Em tuas fontes bebi e de teu regaço desfrutei.
Como posso te esquecer? Ninho materno.
Tu és esplêndido e maravilhoso
Tua gente, eu guardo no meu coração.
Entre as mais queridas estão
Gelina e a saudosa Hercília Aragão.

Ao Monsenhor Odécio

FUMAÇAS DA VIDA

Uma brisa murmura na tarde,
Por entre a densa vegetação
Testemunha da história, firme sentinela...
De um tempo remoto e saudoso
De vidas gastas na poeira dos anos.
Vejo rugas estampadas
Em corpos cansados
Relembrando a aurora do seu viver
Tempo distante, inimigo do homem...
Que corroeu a força, o semblante...
Vidas, espremidas de lamentos; perdidas...
Horas que se evaporam no infinito
O ser solitário navega ao passado
Mergulha ao fundo, em busca de lembranças...
Navega em águas ovais, caracóis dos anos...
Soluça o peito, vazio corredor do tempo...
Lembrando momentos, fagulhas de emoções...
De paixões esquecidas, embranquecidas...
Pintadas pela velhice de vários sóis.
No peito o coração badala os amores
Como um sino na velha catedral
O corpo, o tabernáculo velho e corroído...
Sentenciado ao extermínio, não quer partir,
E luta por estas lembranças distantes,
Mas, a realidade grita mais forte...
Trazendo à memória, minha vida,
Que já beirando a morte
Contempla o sol se pondo
Levando minhas fantasias
Com as quais me iludia
Enquanto era dia.

PASMO

Há momentos na vida
Que a gente pensa...
Não conseguir suportar
A dor que sufoca
No peito...
E na garganta
Temos de conter
Nossas verdades
Do amor que explode
No coração
Sem podermos encobri-lo
Essa força que lateja
Lá no ômega de nós
E tememos sangrar essa emoção
Que jorra
Fluindo sem podermos contê-la
E é aí que nosso semblante
Nos trái
E quem nos olha
Percebe nosso sentimento
Que nos vence
E vencido de amor,
Pasmamos diante da pessoa
Que amamos.

MANIPULADOS

Vem raiando um novo sol
Sobre o povo que revela o pesadelo
Desta nação oprimida.
Um sol que vai tirar
As algemas
Fabricadas pelo sistema
Dos governantes
Que faz uso
Da mídia da TV
Que elege ditadores opulentos
Sedutores da personalidade
Deste povo comprado
Em propaganda
Mordomos infiéis
Que manipulam e exploram
Este rude povo
Que vende sua razão
Por uma vaga
De um mísero emprego
Coroado de competidores
Por um salário
De fome

MEU TIO

Faz tempo, tempo distante
Que não vejo nem ouço teus ensinos
Como era amável, tua companhia, te ouvir.
Não te faltava o bom humor
Era graciosa tua face, sempre feliz.
Tua humilde arte, tua profissão.
Sabias apenas cavar o chão
Enquanto eu te acompanhava de cuia na mão
Seguia teu trilho lançando nas covas o milho
Às vezes eu lançava algodão ou feijão
Ou cobria as sementes, com areia no surrão.
Lembro-me que às vezes me escurecia a visão
De tanta fome que até comia cru, os grãos;
Mesmo assim, me lembro como era bom beber
No gargalo de tua cabaça, a água sem coar.
E satisfeito me assentar no chão e cear
As sardinhas secas, com farinha, na brasa
Cheirosas e gostosas; todas para nós saborearmos.
Quando chegavam as safras, ali nós estávamos
Colhendo: melancias, jerimuns, batatas, melões...
Às vezes te olhava, fixava meu olhar no dedo.
Teu dedo torto, que te sobrou do panarício
Que te atormentava, mas, eu do teu lado estava.
Com um vidro na mão roçando na corda de teu
Rude instrumento, que tu chamavas berimbau.
Tu eras assim mesmo sempre divertido
Mas me esqueci que tu eras mortal
E partiste sem me levar contigo
E é por isso que recordo
De ti, Chico Bento.

O GAVIÃO

Do alto vem seu grito de terror.
Que sobrevoa, apavoradas vitimas.
Em uma terra de vidas obscuras
Tombam as indefesas criaturas
Sob as garras deste observador malvado
De olhar cruel e de face dura e implacável
Ouvi os gritos de medo e pavor das desgraçadas
Suas tentativas de fuga falharam
E sem defensor que as acudissem
Vi as miseráveis sendo resgatadas
Pelas garras portentosas do devorador
Pobres viventes, que são ceifadas...
Estão sempre em perigo
E sob o olhar de um ser alado
Que lhes ataca sem o menor aviso
De repente, apenas ouve-se o grito...
E a pobre vítima sobe ao infinito
E quem pode segurar ou socorrer?
E nas alturas seus gritos morrem
E as que ficam, já se perguntam:
Quem será a próxima?

BANGUELO

Ensinaram-me a latir
Mas proibiram-me morder
Apontaram-me as iscas
E desta me tornei presa
Tal como cão sem dente
Acuei o inimigo
Latindo diante dele
Mas não ligou pra mim.
Pois viu que não podia mordê-lo.
E ameaçou-me tirar o sustento.
Eu que pensei afrontá-lo
Fui vituperado pelo tirano
Latir no Brasil é muito fácil
Têm muitos cães rosnando
Mas, todos são banguelos.
Deram-nos direito de latir
Mas tiram-nos o poder de agir.
Somos uma matilha amestrada
Fala-se em democracia no país.
Neste de tirana monarquia
Assim, à beira do lago, com os sapos.
Na sarjeta de ruas podres
E ouvindo discursos de demagogias.
Alegrem-se, banguelos cães.
Pois é vinda nova eleição.
Mas, como se alegrar
Sob as ameaças dos mandões?

LAMENTO DA NATUREZA

Ah, meus filhos,
Por que sois “racionais”?
Por que “Civilizados”?
Por que não abristes mãos
Destas coisas tão nocivas a mim?
Vejam, a vossa “civilização”
Trouxe-me dores e destruições.
Vocês mataram meus índios,
Porque eram selvagens.
E uma vez mortos os defensores das selvas
Vocês cortaram-me, despiu-me toda.
De minha roupa clorofilada,
Onde eu me sentia tão bem
Meus atavios, minha fauna
Que enfeitavam meus vestidos,
Vocês caçaram, prenderam sem misericórdia.
Mataram, não ouço mais os cânticos dos meus pássaros.
Meus lagos, meus rios, minhas fontes...
Que saciavam os sedentos...
Vocês mesmos beberam destas águas
Em troca, vocês cuspiram, escarraram nelas,
Com vossos esgotos venenosos...
E assim mataram meus cardumes
E não conformados, puseram fogo em meus campos.
Poluindo meus ares, de modo que não posso respirar.
E quando esperei a chuva para me renovar,
Essa era ácida e me queimou os renovos que brotavam
Ah, meus filhos, vocês me enganaram, me iludiram...
Vocês falaram tanto de ecologia, ecossistemas,
De preservação ambiental...
Ai, ai, meus filhos.
Estou morrendo.

ILUSÓRIO OLHAR

Naquela manhã, sob aquela árvore
De meu trono olhava o céu
Quando seus carros passavam deslizantes
Na estrada empoeirada da amplidão
Por entre montes, lagos e selvas flutuantes.
Fui levado em êxtase a lugares escarpados
E sumi por entre caminhos de plumagens.
Mesmo que neles não vi o Homem do universo,
Entronizado entre seres implacáveis
No silêncio de vozes humanas,
Ouvi sua mensagem no vento.
Que soprava por entre os fachos reluzentes
Clássica e erudita fala
Que me regia no meio da fumaça
No cimo, deste vazio espaço prateado.
Olhei o vale azul deserto
Caminhei na floresta alada
Em busca de algo almejado,
Mesmo que não sabia explicar nem para mim.
Então compreendi que neste mundo vazio
O alado ser Divino me via
Enquanto aqui navegava
No mar espacial velava
Guardando nos olhos
Meu ser que voltava.

BODAS ETERNAS

Imensidão, povo celeste.
Enaltecida multidão de Deus
Cortejam o rei glorioso
Cintilantes raios emanam do trono.
Brilhos, acordes dos anjos.
Nuvens, visões célticas...
Núpcias divinas
Trombetas, entoações célicas.
Pulsos, batidas retumbantes!
Vinho, pão, mesa e banquete.
Anciãos, Espírito, Igreja, Jesus.
Coroa, reino e paz milenar.
Ressurreição de santos corpos
Rapidez da luz, vôo celestial...
Corpos reluzentes
Cântico, alarido de gozo.
Convidados; brilhos faciais.
Gosto, sabor do maná de Deus.
Festeja todo o universo.
Traz o criador da vida
O galardão fiel
Venha o rei
Noiva anelante
Retorno
Venha amado meu
Pois o tempo é chegado.

OSCILAÇÕES

Se algo te faz feliz
A paz é tua companheira
Se no meio das ondas estás
A bonança te faz esperar
Mas lembra, a vida é assim.
De guerra e paz
De encantos e desencantos
Um dia tu entenderás
Que não existe esta felicidade
Das fadas e dos contos
Pois a vida oscila
E deves lutar
Manter-te equilibrado
Nunca esmoreça
Pois há na frente
Felizes momentos.

SACI

Terra virgem de verde cor
Onde a paz reside
Dando vida
Às inúmeras criaturas,
Que vagam pela floresta.
Que sussurram nas brenhas
Deixando puro, aroma do vento.
Mundo colorido, onde todos são felizes.
Na solidão que o homem sente
Dentro desta cortina de folhas
Um ser espreita das moitas
Protetor e amigo das árvores
Que nos sítios faz desordens
E ri de suas travessuras
Um moleque de uma perna só
Que no verde tem seu prazer
Que chora aos desmatamentos
E triste se afasta, da desnuda flora.
Se pudéssemos ouvir o que implora
Pediria por onde mora
Sua mata, seu país de glória.
Que no início de nossa história
Pau-Brasil, de vermelha cor.
Traz o saci, o gorro.
Nesta farmácia verde
De fumo e de fumaça
Que o homem devasta
Sem saber
Que a si destrói.

S.O.S. FLORA

Onde Está o meu mulungú,
Minha oiticica e meu pajeú?
Cortaram meu juazeiro e a remeleira
O pé de pau-d'arco e o pé de pereira
Não deixaram de pé nenhum café-brabo...
E o forte pau-branco deixaram de lado?
Mufumbais, mutambeiras e marmeleiros...
O que deixarão daqui alguns anos,
De todas as árvores de minha ribeira?
Cuida de ti, minha palmeira...
Pois há muitos cortes de carnaubeiras
E por que não falar das marizeiras
Do pé de ingá de meu sabiá?
Olhem para mim, meus benjamins.
Pois já é hora dos pés de algarobas
Se nas ruas não escapou mangueirais,
Como pensas poder durar mais?
Oi de cá, e eita de lá.
Cuidado palmeiras do patamar
Senão o padre vem te cortar.

AO POETA JOSÉ MOZAR

CANTO DA PIRIRIGUÁ

Solta e sopra o vento
Teu canto triste
Penosa voz de tuas entranhas
Maviosa voz se torna
Quando só me encantas
Quando cantas
Teu choroso canto
Entristece a alma
Dos que te ouvem em prantos
Parece mais um lamento
Os gritos deste teu canto.
Se houvesse,
Quem te entendesse
Veria, que de dor
Eu canto lá
Teu canto é meu choro
Teu sentimento conto
Expressando a minha dor
Pois tua voz implora
Cantando assim
De amor, tua voz chora
Misturando tua dor à minha
Pois, como estou
Tu estás sozinha.

CURRAL

Entre o lengo-lengo do chocalho
Aquele contador de história
Era mestre, o vovô.
Queria gravar suas palavras épicas
Perguntei, como se nada soubesse.
Da rodagem alta, ali em frente.
Começou sua narrativa com detalhes
E numa seqüência falava da turma
Dos cassacos magros e dos gordos
“Da seca do 58”, farta de mantimentos.
Ali tinha um fiscal. Casado, novo...
De apelido, do pai o nome, Mane Bento.
A rodagem era toda feita à mão
Da enxada, da pá, cavador avião...
Meu avô era assim mesmo, muito versado.
Numa rima muito bem casada do parnasianismo
O lengo-lengo não parava
Enquanto o forte vento soprava
A fita ia gravando, como lembrança restava.
A voz de meu avô, que já está com o Senhor
Quando as vezes dormia em sua casa
Era gostoso ouvir a melodia das palhas
Das carnaubeiras que ao vento requebravam
Nas alvoradas, dava-me a impressão.
Duma água a ferver, para o café do ancião...
Aí chegava o papai para o leite tirar
Enquanto numa quenga de coco, meu avô
Bebendo o negro líquido, e depois a péa de mascar...
Satisfeito, e pra mim dizia:
Agora abra os ouvidos que a história vai começar.

Ao Bento Alves Lopes Araújo

SEREIA

Fêmea graciosa
Animal manhoso
Que me seduz o olhar
Oh, como é lindo.
Quando vens aproximando
Ouvir teu coração murmurar
O amor que jorra do peito
Olhar-te de lado
Contemplar tua beleza
Tal como a alvorada
Vejo teu amor despertar
Cândida, virgem apaixonada.
Que surge no mar
Lá no infinito
Lua, minha princesa.
Que raia no céu
Como é bom ficar...
A contemplar, teus lindos traços.
Dunas de teu corpo...imaginar
Mistério oculto sob tuas vestes.
Nuvens que te envolvem neste céu
Está teu manancial sagrado de prazer.
Ès radiante teu passar.
Quero deitar sob teu manto
Descansar, sonhar...
Madrugada no mar
Sobre minha sereia deslizar
Encanto dos homens
Este teu misterioso cântico
De amor sedutor,
Quero cantar.

A CARNAUBEIRA

Verde, esbelta e faceira.
Ser vivo de minha ribeira
Leques de tuas palmas
Que sussurram ao vento
Nas madrugadas calmas
Suave música em ti vasvalha
Teu arranjo sinfônico tange
Um convite, em ti, vozeia.
Soprando em toda várzea
De tua cabeleira
Esta agradável aragem
De longe ouço em ti, cantar.
Satisfeito o canário e o sabiá.
Oh, como alegras minha terra.
Com este teu porte elegante
Já sou um de teus amantes
Como é lindo ver,
De longe o teu dançar
Quando o vento,
Faz-te requebrar
Ès filha amada
Menina fagueira
Do meu vale
A carnaubeira.

COBIÇAS

Entre os anelos do humano ser
Vi a guerra pela tal satisfação
Que de muitas faces nos vêm
E existe aquela, que satisfaz a uns.
Que a nós seria aborrecimento
A ganância do homem capitalista
Que obriga a correr atrás de mais
Coisa esta que aos poetas é detestável.
Enquanto o literato vê de um olhar acurado
Encontrando em sua calma, a beleza da vida.
O louco e desesperado materialista,
A tudo isto, acha passatempo de vadio.
A arte de observar os detalhes da obra Divina
Ele desfruta a própria vida, deliciando-a.
Quanto ao avaro e mesquinho em busca de mais
Nisso enfadado passa, sem tempo de viver.
Para tal desventurado, não há tempo de repouso.
Toda sua vida é gasta em fadigas
Provocadas por suas loucas cobiças
Pesado jugo carregarás até o fim.
Pelo o que vejo os poetas são os fiscais
Os gananciosos, os escravos.
Nas inquietações dos tolos
Vejo minha sabedoria e minha paz
E sei, que cedo ou tarde.
Tal sujeito será despido de seus pertences.
Então me pergunto, para que tanta luta?
Se cedo ou tarde terei o mesmo fim.
Concluo a isto, que vou apenas observar.
E ver que satisfação terei..

RECADOS DO TEMPO

Ouça o tempo, ouça a mensagem do vento.
Ali fala o erudito ser sublime
Que cavalga o espaço, na amplidão da luz.
Enviando seus raios luminosos da razão
Que plangem e ofuscam nossa intimidade
Nosso ocaso, na dor do escuro que geme.
Nossa verdade que pulsa latente no peito
Que nossa boca recusa falar e cala, sufocando.
O ser que nos convence no íntimo lugar
Ouça a voz que ecoa no breu de tua alma
Que lamenta a perda de um desejo secreto
Consumado e lamentado no silêncio do viver
Nasce a saudosa noite, que medita.
Vai teu corpo, que exprime a gota de dor.
Ouve então agora o que diz o pássaro que
Grita e chora na distância da liberdade
Seu cântico tão mavioso na alvorada
Que desperta a malícia no coração da donzela.
Ouça o silêncio que grita tua dor exprimida.
Que mergulha o ser na solidão medíocre.
Que não poupa o jovem nem o velho sofrido.
O ardente impulso do ego, insaciável desejo.
Que nos apavora e nos apressa a viver.
Aquilo que tememos perder no esvair do tempo
Nossa essência, nossa cobiça a procura de algo.
O elo perdido de nossa vida que se esconde.
E nos instiga e provoca a ânsia por este algo.
Desconhecido, mas almejado de todos;
Que no escuro tateamos e sem rumo procuramos
Algo que poderia ser o próprio Deus.

POEMA PROFÉTICO

Nada haverá na terra...
Limite algum haverá para a maldade deles
Que em sua loucura irão derrubar
As grandes árvores das florestas da Terra
Depois de saciados
Nutrirão o desejo de espalhar a morte,
O sofrimento, a desgraça e a guerra.
E a devastação, não importa.
Contra quem ou contra o que,
Desde que tenha vida...
Nada haverá na terra, no subsolo,
Na água, que não será perseguido,
Desalojado, corrompido e transferido.
De um país para o outro.

“Leonardo da Vinci”
1452-1519

ELO PERDIDO

Foi jorrando fora, quais águas cristalinas.
Deslizando nas pedras, escorrendo...
Das duras rochas do acaso
Se encaixando, água e leito.
Nosso encontro deixou caminhos.
Na história de nossas vidas
Marcas que o tempo não apagará
Você minha alma gêmea
Essência e razão da vida
Encontrar-te foi achar meu elo perdido.
No teu riso,
Largo e solto
Inspirou-me liberdade...
E me levas às alturas,
Desse espaço infinito
E some na amplidão
Tua sombra, você...
Meu eu refletido.

RAZÕES HUMANAS

Não vejo a razão triunfar
Pelo bicho que a tem consigo.
Vejo a sabedoria afastar-se
Dos seres que usam o raciocínio.
Se o instinto me aguça
Sou fera, sou verme... Não homem.
Se atrás dessa forma me escondo
Envergonho-me ser de duas patas
Bicho que chamam gente
Animal que cria sociedade
E vive hostil a tal
Ajunta-se em comunidade
E não se comunica
Que inventa a sua derrota
De todos os brutos animais
È o único que se mata.

VIRGEM DO DESERTO

Como explosão de uma rosa
Teu riso gracioso
Despertou no meu íntimo
Nova visão de uma musa inspiradora
Como rebanho branco em linha reta
Teus dentes encaixados reluziam a alva
De cor turvada, qual canela.
Era tua pele macia e sedosa.
Revestia teu ser, qual pelúcia.
Com pêlos fogosos e deslizantes
Descobri-te entre as tendas de Quedar.
Mimosa virgem, entre teus enfeites.
Brilhas qual pedra rara e cintilante.
Enquanto falas, tua voz vem aos meus tímpanos.
Como canção melodiosa e aprazível.
De onde me encontro tenho ampla visão
Deste teu porte esbelto e onduloso
Vejo os linhos quais mechas, são nuvens...
Jorrando como fontes de tua cabeça.
Deste-me asas, esta tua beleza escultural.
Levando-me ao êxtase de uma viagem transcendental.
Estou nos ares sobrevoando tua compostura.
És como a aurora alegre,
No cantar despertador.
Das revoadas por sobre os verdes ramos.
Despertando-me como poeta,
Embriagado de beleza nobre,
Debruçado sobre a pena,
A compor.

VIVE OU DESEJA

A vida é proibida
Não se pode querer
Se o querer chegar
Terei de reprová-lo.

Meu desejo foi sufocado
Não pude vivê-lo
A vida me trouxe proibições
Nela apenas sonhei.

Poucos foram os momentos
Em que quis viver
E por que quis
O que não se pode viver?

Foi impedido meu realizar
Tudo o que quis
Estava-me vedado.
Meu verso não rimou.

Poeta não sou!
E para que compor?
Se minha vida
Não rima ao desejo.

Mas, pra que rimar?
Se proibido estar
De meu desejo vazar.
Não devo amar?

PSEUDÔMINOS

Findam as gotas, as notas...
Dos orvalhos e melodias
Findam as marcas da pena
Dos rabiscos do B. Souro.
Foi sumindo com o sol
O K. lado de meu arrebol
Simples e humilde poeta
Que escreveu sem declamar
Deixou suas marcas escritas
Notas, gotas e sinfonia.
Acordes celestes tangem
Anjos agora, tua companhia.
Calou o vale, tua partida.
Sem rimas, sem versos...
Faltam agora, tuas poesias.
Foi-se Nicodemos, foi-se a linha.
Nosso vale gorjeia triste
Tua ausência deixou um vazio.
Não ouço mais o falar épico.
Do teu papel simpósio
Nem divaga mais meus olhos
Pelas cãs de tua cabeça
Teu coração, tal vidro tinteiro.
Onde tua pena mergulhava
Arrancava versos e trovas
Hoje, apenas vejo sobre a mesa.
Um papel branco que te espera
E reclamando por não ser rabiscado
Pelo B. Souro... K. Lado.

Ao Nicodemos Araújo
No ano de sua partida 23/06/1999

O PROFESSOR DE ARATICUNS

De Araticuns tua luz raiou
Em tempos idos, de teu saber.
Hoje quem quer, pode aprender.
Pois ensinaste ao povo, o ABC.

Nossa escola te exalta
Como professor, tua memória.
Teu nome entra em nossa história
Homem culto, da linha e pauta.

Queremos seguir tua cultura
Nossa geração te agradece
Teu exemplo e boa postura.

Como alunos bem ordenados
Que em tuas salas resplandecem
Seguiremos sempre os teus recados.

Ao Professor
José Jorge.

O CIRCO

Miguelito passou toda noite
Em sonho, repetindo as mesmas palavras.
Mamãe, e o circo vão enterrar?
Sua professora, na aula anterior,
Havia falado em cultura, costumes de um povo.
A aula para alguns não sei o que representou
Mas para Miguelito foi muito emocionante.
O garoto não continha as lágrimas ao saber
Que muitas tradições estavam em extinção.
E citou: o drama, o Reso, as trovas e o Circo.
Quando a professora citou o Circo
Foi como uma punhalada no coração do garoto.
Para ele o circo era tudo, afinal era filho
De uma família espanhola, que de várias tradições.
Vivia das artes do espetáculo praticado no circo.
Por outro lado o circo de seu pai estava sucumbindo.
As lonas rasgadas, não havia mais arquibancadas.
Apenas poucas tábuas podres que causavam,
Mais acidentes do que assento aos espectadores.
Os carros já muitos velhos, o som muito fraco.
Dificultava a propaganda dos espetáculos
O garoto fazia um número muito especial
E sabia que seria o sucessor de seu pai
Era feliz no circo, mesmo que soubesse das dificuldades do pai.
A professora não entendia a razão do choro.
E mesmo tentando consolá-lo e não tendo resposta
Resolveu acompanha-lo até sua casa
E para sua surpresa, seu lar era um circo.
Aquela educadora não conteve as lágrimas
De ver a pobreza e a miséria
Do circo do pai de Miguelito e resolveu ajudá-lo.
Começou uma campanha no próprio colégio
E junta aos outros educadores exclamou: Salvemos!
O circo é o futuro de Miguelito, e assim toda a cidade.
Pôs-se a ajudar o circo de Miguelito.

ELUSA CARNEIRO

Vem raiando, trazendo luz
Iluminando as trevas da ignorância
Qual alvorada trazendo o sol
Assim tem sido Elusa a Bela Cruz.

Aprimorando o físico de nossos jovens
Tem atuado como atleta em nosso esporte
Moralizando a educação, dando novo porte.
Dos objetos de nossa cultura, é nosso totem.

Incansável guerreira de bandeira erguida
Lutando como heroína entre as fileiras
És aprazível, de nossa escola, a mais querida.

Tem sido amiga e atenciosa, quando procurada.
Sempre alegre em servir, dando força ao cansado.
Teu nome será lembrado e tua obra, imortalizada.

À: Elusa A. Carneiro Araújo

BIG BEN

Atalaia solitário,
Que grita e geme da torre
Melancólico e triste choro do tempo
Que a tudo assiste e avisa lento
Testemunha dos massacres urbanos
E sentinela alarmante do sossego
De prontidão vigia a cidade
E alarma num convite sagrado
Com teu metálico grito macabro
De cima envia teu recado
E teu povo ouve atento e pasmado
Quando emites teu agourento som.
De longe alcança os tímpanos
De teus fanáticos admiradores
Quando envias tuas ondas fúnebres
Que se espalham pelas ruas
E como água, invade as casas.
Enquanto se enfeitam
E veste de fé o peito
E caminham em tua direção
Pois é hora de tu chamares à devoção.

AULA DA SAUDADE

Despede-se o sol
Levando a luz que nos aquecia.
Nosso curso finda
Turvam os nossos sentimentos
No momento de nossa despedida
Ao som alegre do vento que vagueia.
Vejo o ocaso no chiar da fonte que escorre.
Nossas vidas...esvai-se no tempo
Deixando marcas
De nossos amados professores
Que nos legaram a instrução
Desabafando com amor e dedicação
Toda luz do saber
Por longos anos, estivemos juntos,
Alegramos-nos com vossa presença
Agora viemos nos despedir
Com o peito doído
O nó na garganta
Retendo as lágrimas
Mostramos um sorriso
Para vos agradecer
Obrigado, companheiros.
Foi bom nos conhecermos.

TEIA PARA MOSCAS
LEI PARA CIDADÃOS

Para que nos servem,
Estas supostas regras?
Apenas, para o “cidadão” foram criadas
Para prejudicá-lo e nunca beneficiá-lo.
Se olharmos em torno dos corredores do tempo.
Em suas paredes obscuras e rugosas dos anos.
Veremos as marcas das injustiças
Praticadas aos “cidadãos”.
Através de nossos governantes.
Que nos submetem aos trabalhos forçados,
Por um mísero salário.
E é melhor deixá-los à vontade.
Afinal o poder está com eles
E tais leis que foram criadas para o “nosso consolo”
Afligem-nos e são torcidas contra nós.
Os tais são os senhores destas teias
E não podemos ficar admirados
Quando eles pisam por cima delas
Para nos incriminar.
Assim caímos em suas teias, onde essas aranhas
Prenderam-nos como moscas.
Para nos sugar a vida
Não se ofenda se falo como as moscas
Só quis conscientizá-lo
De nossa realidade.

REBECA

Vejo o final.
Dos dias que restam
Da virgem
Que proclamou a paz.
Sinto...
Que o tempo se despede,
A solidão...
Já ocupa o quarto escuro:
Do peito...
Dos desamparados e esquecidos.
Não ouço mais
Teu jubiloso canto.
A reprovação,
Caminha para os desleais.
Ouço meu peito,
Falando súplicas palavras.
Na calma,
Hora de meu despertar.
Sinto no ar,
O perfume sagrado.
Núpcias celestes.
Sob o olhar de Isac
No cair da tarde.

ALÉM DO ESCURO

Quero transpor o horizonte
Deste sol poente,
E ficar na luz.
Quero voar para além do sol
Para não ficar na escuridão.
Seguir seu percurso no além.
E nunca ver seu ocaso.
Quero aguardar sua vinda
Vestido com seus raios
Envolvendo todo espaço
Cobrir o verde deste tapete terrestre
Iluminar todos os seres
Transmitir calor aos solitários
Em suas moradas, esquecidos no mundo.
Envolver todas as criaturas, afagá-las.
Vão as nuvens tristes e caladas
Em direção deste sol
Que quer sumir do dia
Tais como as criaturas em busca de Deus.
Suga o íntimo, meu espírito melancólico.
Fios, faixas, feixes e flâmulas.
Cruzam os espaços siderais.
O Homem no profundo céu
De pé com olhar vigilante
Contempla os seres sentenciados
Que me aguçam para a eternidade
Qual sol declinante
Mergulho também,
Levando minha luz.

INCÊNDIO DO ENTARDECER

Quando o fogo subia pela tarde
Contemplei os céus acesos
As nuvens em chamas ardiam.
Em meu peito, na despedida do sol.
Sumiam meus planos no incêndio.
No sufoco destas chamas
Foram meus ideais, no entardecer.
De minha vida, curta e ansiosa.
Nada fiz, apenas sonhei.
Escureceu, minhas fantasias sumiram.
Depois da queima de meus sonhos
Contemplo as cinzas do meu ser
Fagulhas de meus desejos.
Foram sepultadas.
No mergulho solar.
Não vejo o olho do dia
Um manto negro, manto mortal.
Ameaça a luz do homem interior
Vai a tumba, o verme.
O pálido corpo, inerte.
Sobem as fumaças das horas
No escuro mundo do além
Um ser murmura, nos abismos.
Pobre homem, cadáver do tempo.
Pó insípido na morte.
De nada mais serve
O sonhador
O bicho
O homem.

O MACHO

Olhei o bicho,
Em ânsia, seus instintos.
Eram incontroláveis
Um sedento insaciável
Que focinhava como um porco
Em busca do eros prazer
Grunhia em sua fome proibida.
Fugando o cheiro orgasmático
Nervoso, quando lhe batiam.
Na tromba, do direito de trepar.
Lamentoso chorava.
Tal bezerro desmamado,
Chereava, “o pombo” humano.
Diante da fêmea, mulher.
E não sendo atendido
Afastava-se
Cheio de desejo másculo
Roncando, de tromba ereta.
Funga outras fontes
Qualquer animal lhe serve
Contudo que lhe deságüe
A reima da carne.
Bicho nojento
E indomável,
Quando incitado.

EU, UM TEXTO VIVO

Entre as linguagens nuas
Que rondam nas praças e ruas
Sou lido, sou entendido como mensagem.
Mesmo quando calo, meu ser interage.
Sem vozes, sem gestos, nada se faz.
Contudo, em meus versos mudos.
Ouço e falo, sou agente capaz.
Através de gestos e olhares comunico.
Minha mensagem é alvo do crítico.
Mesmo assim, transmito meu recado.
Não há forma de passar
Sem que algo entre nós converse
Somos textos escritos, ambulantes.
Rudes, ásperos... Todavia falantes
Até mesmo quando estou só.
Não posso esconder o pó.
Minha linguagem, que em mim não cala.
Minha voz, meu andar, meu piscar...
Sem sons audíveis, porém, há um falar.
Sou carta, sou livro... Sou mensagem lida
Interagindo sempre com outros, meu sinal.
Levo em mim, a imagem da comunicação.
Sou mensagem viva, código prescrito.
Que dizem de mim?
Eu, um texto vivo.

SINAI

Em busca de ti, subi ao monte.
Entre nuvens de fogo
Ouvi teu grito abalador
Enquanto tremiam as bases
Meu coração derreteu, pela tua voz.
Diante de mim, dos picos me olhava.
Tal olhar fendia as penhas
Do escuro lugar, desceste.
Entre o faiscar de luzes
Tua voz ouvia atento.
No fumegar das horas
Escalei o resplendor de tuas vestes.
Na amplidão, voei ao teu encontro.
Como cisne assombrado, calei meu canto.
Ali, te vi, entre querubins.
E desejei ser separado dos mortais
Enquanto contemplava o ancião dos céus
Com marcas do saber na face.
Estendeu-me a mão, à experiência.
Quando do meio das nuvens,
Revelava-me segredos célicos.
Vendo-me em chamas, uma tocha.
Da tal, bebia a glória divina.
A ponto de ninguém
Encarar-me a face
De rosto nu.

MENSAGEM DO CAMPO

Ninguém busca entender
Por que meus olhos são alados
Meu nariz de abelha
E meu ouvir de cão.
Quando busco reter as cores
E armazenar aroma das rosas.
Discernir as mensagens.
Quando a flor se pinta
E de perfume se banha
Pra seduzir, com charme.
Meu sentimento humano,
Que entende o cantar da mata
Quando chora o seu pranto
Mas se alegra quando canta
Seu mavilhoso canto
Ao soprar da brisa
Que suaviza o peito
Que também murmura
Nesta vida escura
Mas tem nos segredos do campo
O altissonante canto
De suas meigas criaturas
Que são agradecidas em suas vidas
Pois fauna e flora
São duas irmãs queridas.
Que por nós esperam ser defendidas

CÃES E ABUTRES

Carnívoros olhos pedões
Lascivos instintos aguçados
Levianos machos que pasmam
Comendo as fêmeas nas mentes
Ao lhe chegarem pelos olhos
Desejos sedentos, libidinosos.
Canibais da noite
Caçadores de prazeres
Ganindo nas sombras
Por carne feminina
Bichos gulosos, esfomeados.
Glutões de íntimos desejos
Que vivem inibidos
Por um único instinto.
Não podem contemplar
Fêmeas imagens,
Sem que as deseje.
Abutre de ingênuas criaturas
Que lhes devora a honra
Arrastadas nas ondas cruas
Cheirando a sexo,
Suas carnes nuas
Manadas soltas pelas ruas.
Comidas pelos cães noturnos.
Bestas dos abismos tenebrosos
Éguas selvagens, desembestadas.
Devoradas em tenra idade
Loucas donzelas, escancaradas.
Pra machos endiabrados.

O ESTUPRADOR

Invadindo a vontade
Que força e agride!
Dono de um instinto indomável
Violentando o respeito
Rasgando o selo pueril
Pugilato covarde
Que insulta só o indefeso
Predador de fêmeas
Quem seria este animal?
Seria o homem?
Este, a quem chamam de racional?
Talvez o galo de meu quintal
Cavalo, burro. Destes animais
Todos iguais, em seus desejos brutais.
Não, não posso aceitar.
Mas na verdade é real
O jumento e o homem
Neste louco intento
São iguais para estes bichos.
Isto é tão normal
Mas quem é o estuprador?
É o homem, o galo.
O burro, o jegue...
É o macho.

QUEIXAS TOLAS

Ele é o bicho!
Chegou e gritou
Num profundo pesar
Oh, como a vida é curta!
Cheia de sonhos e ilusões
E este é seu lado bom.
Pois, se olharmos o resto,
È só pelejas, competições...
Por uma vaguinha na sociedade
E tudo isto em troca do comer
E por que fazer parte da tal?
Pois é composta de enganos
Os bichos que a compõe
São espertos no engodo
Mesmo quando desiludidos
Em seus míseros sonhos
Não querem morrer
E sempre dizem
Com profundo lamento
Oh, como a vida é curta!

O SOL DA VIDA

Oval, curvas do destino.
Margens esquecidas do ocaso.
Sol em declínio tinge minha dor.
Os clarões do espaço somem.
Dentro da noite, o tédio.
Invade minh'alma, que suspira pelo alvorecer.
Oval das ondas, oval das curvas,
Que arrastam o velho
Tempo da saudade, da despedida.
Morre o poeta entre as linhas que escreve.
No meditar, somem os semblantes nédios.
Morte do nada, que vem em direção indesejável.
Ao homem que voa no infinito.
Oval das ondas que arrastam o corpo.
À praia do entardecer da vida humana
Estremece o coração em pulsos acelerados.
O bater, medo cruel, constante pavor.
Das ondas, nas duras vidas, pedras.
Lodosas vidas que lutam por permanecerem.
Do ancião o tempo suga-lhe o vigor.
Homem mortal arqueja.
Lampeja a pupila, do assombroso ser.
Que geme, querendo ficar.
Arrastam-lhe as ondas do tempo
As nuvens da vida, águas revoltosas.
Contra a vida, que some no horizonte.
Em busca de um sol que se foi.

À Morte de Nicodemos Araújo

RESSURREIÇÃO

Que desce do alto
Escorre da rocha
Sacia o sedento
Alegra o campo
Floresce a relva
A todos satisfaz
És a água!
Água da vida
Que sobe da terra
Enchendo os céus
Rompendo a matéria
Vivendo eternamente
Imagens santas, nuas.
Despidas do mundo
Cruel e composto
De corrompido viver
Perdido da essência
De volta ao Criador
Ingrato animal
Palmilhante ser
Longe de casa
És tão queixoso.
Éfata, terra viva.

MEMÓRIA INDÍGENA

Senhor da terra
Conservador da fauna e da flora
Habitava aqui
Harmonia entre eles havia
Nada ambicionava
Apenas conservava
Vida da tribo e das espécies
Por ganância nada devastava.
Nem tão pouco por prazer matava.
Pra comer, assim caçava.
Feliz na terra
Por entre as palmeiras espiava
A pindorama terra que amava
Em paz viveu
No que era seu
Nada pensava
Se algo o ameaçava
Com a chegada do nobre europeu
Assim a terra, no passar dos anos,
Mudou de cor, mudou de dono.
Mudou de cara, mudou de raça.
Então procurei o pau-brasil
E nada meu olho viu
Busquei o índio
Que assombrado sumiu
Olhei a flora, e devastada murchou.
Procurei a fauna, e pouco restou.
O “civilizado” europeu
A tudo corroeu
E ao senhor da terra
Um só dia lhe deu.

O HOMEM DE LAODICÉIA

Seguia o homem ao rio
Saudoso e cheio de palpites,
A esperança branca de medo,
Carecia de alento,
Ele no meio dos pedregais, num quarto ou...
Num terço, não sei, parecia um enxame.
De abelhas italianas, que o brasileiro diz.
Certamente por acreditar em histórias ou...
Talvez por ser um jacaré-macho de queixo.
Que em casa é um cão de caça ou...
A vítima das descargas dos revoltados.
Ira-se sua mulher, que não se sabe se virar.
Tudo tem que ser feito pela besta do homem.
Oh! Que sufoco o macho passa,
Na era de Laodicéia,
Somente porque não entende,
Come o pão que o Diabo amassou,
Em vez do pão-de-ló.
O dentista não suporta o hálito de sua boca.
Mesmo debaixo de tamanho jugo,
“O bicho” é visto...
Um ser, sem direito a nada.

QUE SOU?

A máscara da vida
Vida, lasca dos sonhos.
Cores do engano
Mensagem oculta
Voz não exprimida
De uma visão
Não entendida.
Sou um retalho de um tecido cultural
Interação das partes
Lascas do que fui
Cinzas dos desenganos
Sou o consumo da vida
Resíduos de mentes doídas
Contidas nos cantos
De uma sociedade perdida
Que passam sem se notarem
Sou eu mesmo?
Estou em mim?
Debaixo de tantas capas
Escondo minha identidade
Sou riso no pranto
Atrás do que existo
Mesmo tendo vários retratos
Imagens metamorfósicas
De um mesmo ser
Que tem muitos papéis
Tudo por ser compreendido.
É o lema, meu ser interagindo.
Atrás das palavras, de gestos.
Linguagens entendidas.
Faço minha parte, sou molécula!
Deste mesmo tecido que forma o universo.

O VULTO

Delira meus versos embriagados
Dos vômitos de meu inconsciente
São estradas nuas e empoeiradas
Onde passam sonhos espinhentos.

Sigo esta imagem pasma
Meu ente, bruto e calado.
No fim, terei morado.
Meu ser, pote do marasmo.

Vem sombra da mente
Meu verso bebe tua inocência
Neste cálice magro, transparente.

Que debruça sobre a indecência
Cambaleados versos de enigmas frios
De pensamentos rudes e sombrios.

Ao Poeta Costa Sena

A TRISTEZA DA TARDE

Vestida de tristeza e de solidão
A tarde soprava lembranças de seus amores
Estava tão triste, que, abateu-me o coração.
Na verdade até o céu vestiu-se de luto
E uma brisa fria, trazia-me pensamentos melancólicos.
O sol envergonhado ocultou-se
E solitária a tarde ficou.
Sem sol, sem música e sem cor.
O desgosto, aos pássaros, dominou.
Sumiram todos, nenhum cantou.
Deixaram-me só, diante da tarde,
Que calada; nada falava de sua dor.
Quem teria ferido à tarde, tão cruelmente?
Quem lhe magoou o coração?
Para estar tão triste.
Na verdade, a tarde estava de luto.
Não sei se seu amante havia partido
Só sei que algo dela tinha morrido.
E mergulhou junta com sol no horizonte.
Lá distante, chorosa, por trás dos montes,
Ficou a tarde a lamentar,
Por que naquela tarde,
Não quis amar.

CIMITUÍ

Tantas casas!
Tantas cruzes...
Pra que tantas moradas?
Se lá não mora ninguém.
Se no silêncio estão
Sei que lá, não há ação.
O solo fede ninguém come de lá.
E tudo é mudo e surdo.
Não há explicação
Pra tantas casas sem população
Que cidade estranha esta,
Que pra nada presta
Pra lá só vai o que resta
Deste pobre povo
Que não se mexe
Que lutou e acabou parado
Cidade esquisita, cidade maldita.
Está aí;
Quem te aguarda calada.
Cidade malvada,
Que de lá, não vem nada,
A não ser lembranças...
De pessoas amadas.

FLOR DO AMOR

Jorra como a flor
Como a fonte
Como o romper do dia
No coração, a sintonia...
No elo dos amantes.
O anjo que causa a dor,
É o mesmo, cupido do amor.
Quando solitário e carente
O amor que não vem só
Nos aperta, e demente...
Chora o ser da gente.
Mesmo assim, das pétalas desta flor,
Brota... e no meio dos dois,
Surge o amor.

O LAÇO

Vem nos braços do vento
O abraço leve e solto do tempo
Vem o laço nos pensamentos
Vem o gancho nos trapos
Cruzo o laço no papo
Na transa, na dança...
Da dama e na lama
Mistura o osso na taça
Na graça e na raça.
Cruza o tempo no lenço
O beijo no pejo
No meio dos dois o taco
Rola a bola na cola
No fiar na trança.
O velo no cabelo,
Gruda o mel no amor.
É satisfação no calor.
Cruzam as línguas, as pernas...
No meio dos seres
Cruzam as trapaças
E acham graça,
Quando se sentam na praça
E eu olho...
E você passa.

ONDE MORAM OS ESTÍMULOS

Nas rugas está escondida
A mais procurada pelos eruditos
O sabor dos desejos que emanam
O gosto dos impulsos da carne.
Nas partes mais escondidas
De meu corpo trago
O elemento do prazer, das delícias...
Que me instiga e me domina
Arrastando-me pela sensação.
Nos meus olhos está escondida a cobiça
O que me conduz às concupiscências,
E me obriga a querer.
Na minha pele a sensibilidade
Trás encoberto o delicioso de todos os mortais
Sou aberto aos toques
E por isso inclinado
Aos comandos do sentir
Que me obriga a atender os apelos
Que jorram do meu cérebro.
Tenho o ânimo dos animais
Sou homem! O bicho da cidade,
Que se veste para cobrir suas vergonhas
Onde esconde o elemento do prazer.

NOITE

Noite, segredo atua.
A solidão sempre acentua,
No coração que ama,
Na noite reclama,
Pela presença da outra banda,
Que está distante e também clama
Pra unir as peças deste grande amor.

Noite, dona do silêncio.
Que nas calmas horas
Fala ao vazio, do interior da gente.
Mas quando a noite abre as pernas,
E deixa passar o ser carente...
O sentimento vai a um tempo eterno
E a noite torna em bem a dor latente.

Noite, estrada nua.
Por ti caminho, como uma rua.
Vou procurando a metade tua
Onde o sol mora
E meu ser implora
Pelo amanhecer de um novo dia
E assim completa nossa harmonia.

DESPEDIDA DE UM LÍDER

Como tombam os valentes na guerra
Tombaste tu, em meio, tuas glórias.
Eras o anfitrião, o maestro da história.
De repente os lobos comem tua memória
Lambem o pó, os teus mais íntimos amigos.
Deixaste teus encargos, aos abutres do voto,
Como leão, te ergueu entre teus irmãos.
Alçaste a presa e em pleno dia dormiste.
Foi-se o príncipe do povo, num momento.
Despediu-se do poder, o herói da cidade.
Enlutou-se num instante, o vale verdejante.
Encabulado ficou o vigor, a essência empalideceu.
Parou a Plebe, diante de teu corpo inerte.
As cores se perturbaram confusas... Desfizeram-se.
Desmaiaram as luzes da cidade, diante de ti.
Navegaram os tempos ovais de tua existência
Escorreram olhares pavorosos, ao além eterno.
Livros foram abertos, era a prestação de contas.
Reinou o medo na solidão escura do caminho
Subiram as nuvens, os gases do ente mortal.
Ecoaram os gritos, no infinito, perdidos.
Cruzou, sideral vazio, o destino.
Foram recordações embaçadas,
De sóis pálidos e cansados...
Não mais se ouvem as regras da cidade.
Mergulhando vai o autor das normas públicas
Enrugado está o espaço na despedida fúnebre
De um líder cambaleando já cansado da jornada.
E voltando ao país do anonimato eterno,
Enquanto abandona a cidade enlutada.
Deixando atrás amigos e companheiros,
De labores já passados.

Ao amigo Everardo Araújo

DESNUDO

Vi, vi tuas pernas e estavam nuas.
Observei teus braços e estavam nus
E tua alma, de que se veste?
De segredos, de fantasias e tudo mais.
Curiosidade reveste teus olhos por trás dos cílios
Teu andar sedento me incita
Sisuda moral de tuas poucas palavras
Mas sei que teu silêncio,
Oculta algo que não queres dizer agora
Pois em tuas andanças demonstras tuas ânsias
Andas sedenta e cheia de esperanças
Pelas ruas teu olhar verde lança teu feminino veneno
Ouço o clamor de teu desejo
Tua carne fresca espera ser saciada
Estás sozinha e buscas o másculo animal
Campeia o desejado encontro
No escuro da noite te vestes de mulher
E deitas no teu leito solitário
Esperando o calor do homem
A cópula quente de nervos excitados
E vais ao banheiro imaginário e limpa teu sonho
Logo após dormes como quem se satisfez.

O ENCONTRO

Desliza minh’alma no infinito
Num vôo pálido-celeste
Nas revoltosas ondas do mar gasoso
Entre melodias de cálida cor
Esvaem-se os planos de um ente terrestre
Ensopado de orvalhos angelicais celestes
Encaixados nas espumas da memória
De um solto ar do peito, de alívio.
Mergulhado na dimensão sideral.
Navegam os anéis saturnos
Envoltos em minhas sagradas vestes.
Durante o cortejo nupcial
Da entrega de minh’alma
Ao mestre da vida, dos segredos...
Ao senhor que me assiste
De sua santa morada.
Enquanto caminho no triunfal passo
Por um caminho reservado aos fiéis
Vou passo a passo ao seu encontro
Ao som de milhares de harpas
E no meio de retumbantes sons
De trombetas dos inumeráveis guardiões.
É a eterna entrega...
O encontro desejado.
O dia anelante de entrar na pátria
Dos escolhidos, dos vencedores.
Adonai, Maranata... Shalom.
Reshua...Undecaster.

EPITÁFIO

Aqui não está o poeta
Não me busque neste local
Não estou mais aqui
Veja, escute...
Eu venho no murmúrio do vento
Enverdeço a flora
Canto através da fauna
Sou o resultado dos estímulos
A ânsia de um orgasmo feminino
A risada dos bebês
E o mais belo gesto das donzelas
O perfume das noites nupciais
O impulso dos desejos quando inflamam
O mel que escorre da virgem flor
Que alimenta meu povo silvestre.
Portanto, não estou aqui.
Pois já abandonei o casulo fétido
Se você quer me ver
Leia meus poemas
Neles está meu espírito.
Meu sentimento oculto.
Meus próprios segredos.
Minhas mais íntimas confissões
Deixei-os escritos
Para que me conheçam
E lembre-se de mim.

MACHO

Exalando o coração seus amores
Movido pela beleza,
Que aos olhos chegam
Caminhas pelos traços da fêmea musa
Teus desejos másculos se despertam
Levando teu ser aos sonhos sensuais
Poderia tu satisfazer teus sonhos?
Termina o vigor de teus anos
Esperando tuas satisfações concretizar
É o lema da espera, do apenas querer.
Por que não se conformar?
Em vão gastas teus dias em projetos.
Será que só o homem é um ser insaciável?
Que leva a vida no desejo,
Que passa seus dias na cobiça.
Animal queixoso este de duas patas.
Que envelhece somente a capa.
Que morre na carga de seus impulsos.
Que espera sua hora de ação.
Mas sempre acaba vencido,
Por suas desilusões.
Máquina que fabrica seu próprio veneno.
Que busca entorpecer a si mesmo.
Gastando seus dias em planos,
Na peleja do nada, tornando-se objeto.
Tudo isso, vi naquele animal teimoso.
Que dizia, haver de vencer.

OBRAS DO AUTOR

LAMENTOS D'ALMA
Itarema (Ceará)-1986

IDENTIFICANDO O VERDADEIRO CRISTÃO
Bacabal (Maranhão)-1996

QUESTIONANDO AS COISAS DO ESPÍRITO
Bacabal (Maranhão)-1998

O PARAÍSO DE JOSÉ
Bela Cruz (Ceará)-1998

VOZES MÉLICAS
Bela Cruz (Ceará)-1999

O CAMINHO DO PEREGRINAR
Bela Cruz (Ceará)-1999

LUTA INTERIOR (CRÔNICA DA ÂNSIA)
Jijoca de Jericoacoara (Ceará)-2000

O ANIMAL
São Luiz - MA – 2007

VISÕES CÉLTICAS
Rios das Aranhas (Ceará)-2008

O ODRE ROMPIDO

Fogem as palavras como nuvens apressadas,
Somem as letras; do poeta, os versos...
Perdem os sentidos, os textos nômades.
Findam as pontuações, escorrrem as linhas.
Desaparecem, os nexos das idéias eruditas,
Parte o Senhor das palavras, dos discursos...
Um nobre filho, que tangia as leis,
Intercessor de causas aflitas
Um mestre humilde que não publicou a escrita
Mas guardou-a, no odre de seu coração.
Turvam os livros, de luto, empoeirados,
Pois não há mais quem os lêem.
Foi-se a luz dos ignornates.
Rompe do peito, a amarga solidão,
Que martirizava o amor encarcerado.
Buscou como nunca, uma nova companhia.
Mas riam de sua dor e fugiam.
As mais tenras pessoas, dele partiam.
Foi quando seu coração, como bomba explodia.
E do odre, o vinho escorria.
E despe-se de sua velha roupa.
E ao seio, de seu pai celeste voas.
Apressado, num abraço eterno se refugia.

Ao Poeta, José Mozart.

A FLOR BRANCA ESMAGADA

Tua beleza corpórea e singela
Pura e virgem como a aurora
Simples como a mais branca donzela
Do teu ingênuo coração suscita
O amor que brota, sem ser contido.
Na dor, de quem ama, embutida.
Pela primeira vez, em tua inocente vida.
Este amor clemente grita
A este louco, por quem não és sentida.
E no meio de tua aflição, não escutas.
Um coração sangrando oculto
E neste sentimento profundo, lutas...
Desesperada por não ser compreendida em nada
Uma ação tua, provocada por um bruto.
Esmagas com tuas próprias mãos
O amor de teu rude coração
E arrancas tua alma, e castigas.
Tirando de si a propria vida
E tal como gaivota esguia
Voas em clamas batidas
Ao infinito de um horizonte eterno
De um sol que não volta mais
Deixando atrás de si o vazio
Que não será preenchido jamais

À Sanelva

ACARAÚ

Reduto sagrado dos Silveiras
Tua fama assombra o vale inteiro
Teus gemidos ainda ouço “no camurupim”
Teus gritos pavorosos ecoam nas grades dos cárceres
Tua terra bebe misteriosas histórias macabras.
Tuas ruas ainda mostram o barroco estampado
Das artes teus filhos sangrados
Todas expressas em teus prédios lendários
Mesmo assim em ti há gritos de sangue
Uivos de miseráveis lobos sanguinários
Tiros no meio dos cânticos sacros
E o tombar dos guardiões sagrados são ouvidos
Almas são levadas às caldeiras e às fornalhas...
Debaixo do rufar de tambores para abafar
Seus gritos de pavor.
O contrabando está em teus cais
As famílias abafam teus assassinatos banais
Todas tuas histórias me contam os manguerais.
Pois seus olhos testemunharam tuas façanhas.
Ouço gritos medonhos de políticos massacrados.
Tua terra engüia o sangue inocente
Enquanto o pipocar das balas rufam
Brutos intentos mesclam a morte prematura
Mesmo assim, amo teu povo, tua terra...
Tua história me fascina e quando por ti passo
Dialogo com os rebocos históricos
De tuas construções antigas
Que me susurram teus segredos escondidos.
Que fizestes em tuas horas escuras.